

# A LEITURA COMO MELANCOLIA

Ana Paula de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo trata de compreender a leitura como melancolia, através do texto de José Castello, *Uma defesa da melancolia* (2013), a partir do pressuposto de que Castello lê lembrando, e que, talvez, leiamos da mesma forma. Partimos da premissa de que realizamos um movimento de leitura construído na relação entre atualidade e memória, e que tais reminiscências instauram um vazio no presente. Portanto, tratou-se de analisar a discursividade desse gesto a partir da dialética entre passado e presente, e de como se dá esta leitura cujo encontro provoca uma ruptura, confluência da qual, pensamos, nasce um modo melancólico de leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** José Castello. Melancolia. Memória. Vazio. Leitura.

## 1. INTRODUÇÃO

As memórias provenientes do tempo em que convivera com o poeta João Cabral de Melo Neto vem à mente do crítico literário, escritor e jornalista José Castello, enquanto lê um poema. Isto é, da leitura dos versos de *Melancolia (variação)* de Nuno Júdice (2012) realizada naquele instante, lhe ocorre a lembrança da convivência com o poeta pernambucano, mas mais que isso, lhe remete à memória da melancolia, terreno no qual Cabral cultivava seus poemas, logo, Castello lê lembrando. Deste movimento nasce a crítica literária, *corpus* deste artigo, *Uma defesa da melancolia*<sup>2</sup>, publicada, originalmente, em fevereiro de 2013, na coluna do autor *A literatura na poltrona*, do *Jornal O Globo*, e republicada pelo *Jornal Rascunho*, em março do mesmo ano. Logo no início da crítica, Castello conta que visitou o poeta regularmente com o intuito de gravar as entrevistas que deram origem ao livro *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma* (1996). Nestas conversas, uma das declarações do poeta era de que carregava um buraco no peito. Temia um problema cardíaco, mas os médicos diziam que era um acometimento em decorrência da idade e lhe receitavam antidepressivos. Cabral, inconformado, jogava as receitas na primeira lata de

---

1 Mestra em Estudos Linguísticos pela UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul – E-mail: anapaulaoliva@gmail.com

2 Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/uma-defesa-da-melancolia/>. Acesso em: 02 fev. 2020.

lixo e dizia: “Esses médicos não entendem nada. Não é depressão o que sinto, é melancolia.” Dizia perseverar na melancolia como quem rega um cacto, pois apesar do mal-estar que lhe causava, o hiato era como um motor, ou um vaso, em que cultivava novos poemas. Toda essa história sobre Cabral retorna à mente do crítico enquanto lê *Melancolia (variação)*, poema do português Nuno Júdice, incluso em seu livro *Fórmulas de uma luz inexplicável* (2012). Conforme os versos citados na crítica, o poeta encontrava-se habitualmente com certa mulher, num bar em Lisboa. Sempre na mesma mesa, “talvez porque aquele canto conservasse melhor/as suas palavras”, diz o poema. E Castello reitera: quiçá a escolha do canto tenha sido para fugir da luz excessiva, que ofusca e desfaz o mistério dos olhos da amada. Tais encontros, como tudo, terminam. O poeta então, decide retornar ao bar e se depara com outro cenário, “tinham mudado as mesas e/já não havia nada no canto/para além/de um armário de garrafas e copos.” (CASTELLO, 2013: 1). Também a luminosidade do café se transformara, “uma luz uniforme apagava as sombras”. (Ibidem: 1). Aqui está a realidade esmagando a memória, como escreve o poeta “eis como o tempo passa, e muda/as coisas/Ali, onde se tinham encontrado/...nem um breve/relance de memória me traz de volta o seu rosto”. (Ibidem: 1). Após ler o poema, o jornalista apresenta, no texto, aquilo que conclui: não há necessidade de nomear o sentimento que impele o poeta ao chão, afinal, está cravado no título do poema. Assim, para o crítico, o buraco no peito de Cabral parece tratar-se de melancolia, porém, contrariando a ideia de que ela seja apenas um sentimento ruim, atribui a ela a ideia de um “buraco construtivo” como aquele escavado na terra pelas máquinas, antes de se erguer uma edificação. Buraco que os médicos de Cabral queriam preencher com antidepressivos com o intuito de, para ele, calar sua poesia. E Castello prossegue ao dizer que, talvez por isso, haja tão pouco lugar para a poesia no mundo de hoje. Um mundo obturado que glorifica a saturação e não suporta o vazio e que não sabe lidar com o silêncio. Na análise do jornalista, não é que não entendamos a poesia, mas “não aguentamos encarar o buraco de onde ela flui” (CASTELLO, 2013:1). Era dessa anestesia que Cabral fugia ao plantar medicamentos no jardim de sua casa. Ao lermos a crítica nos deparamos com um conselho que dera, certo dia, ao crítico: “Fique um pouco em silêncio. Feche os olhos. Pare. (Ibidem: 2)” E Castello (2013: 2) complementa: “parecia um místico – logo ele, o poeta da matéria”. Ou seja, o jornalista quase se espanta ao perceber que o poeta da faca e da lâmina, parece repartir-se para depois amalgamar-se entre o material e o sagrado. Misticismo da matéria: eis onde Castello chega, no final da crítica, ao se referir ao poeta pernambucano. Para ele, João Cabral representa essa dialética entre a sombra e a luz inexplicável citada no poema de Júdice.

A crítica de Castello parece colocar em cena a ideia da leitura como melancolia. Portanto, é possível que tenhamos chegado a um modo melancólico de ler, que não aparece apenas como tema da crítica, mas surge como um movimento de leitura. Logo, pensamos ser neste ponto que a melancolia surge

como metáfora, ou seja, um elo entre dois campos distintos, o psicanalítico e o literário, através de um acontecimento discursivo. Desta forma, pensamos que é possível perceber como a melancolia está no texto através de seus deslizamentos, como a *experiência do vazio/falta*, da *poesia/melancolia* e da *sombra/luz inexplicável*, tão menosprezados na contemporaneidade, mas que surgem, na crítica, em outro lugar: como movimentos de leitura. Desse modo, após a breve apresentação do *corpus*, buscaremos, como objetivo principal, compreender o modo de leitura de José Castello, ao pensarmos que é um modo melancólico de leitura, e que neste movimento, a memória e o presente empreendem uma atividade dialética que oscila entre lembranças conscientes e inconscientes, e que, tais memórias instauram, no presente, um vazio. Assim, olharemos para a discursividade deste modo de leitura a partir da ideia de que, tal qual Castello, lemos lembrando. Tal propósito justifica-se pelo entendimento de que o leitor, ao ler, realiza um movimento dialético entre passado e presente, isto é, ao ler, memórias, voluntárias e involuntárias, surgem neste presente e nele instalam um vazio, que nunca cessa. Desse modo, ocupar-se-á de compreender como é ler melancolicamente e, para isso, se partirá de três imagens potentes que surgem na crítica de José Castello: a memória, o presente e o vazio, e de como se dá, na leitura, o movimento entre elas. Para tal, olharemos para o conceito de dialética por intermédio de Georges Didi-Huberman (2017), para entendermos a dialética de dois tempos, o passado e presente.

Após, voltaremos à crítica no exato ponto em que se cruzam memória e atualidade, para percebermos em que ponto se instaura o vazio. Em seguida analisaremos cada sentido a começar pela memória através de Walter Benjamin (1989) em que lembra de autores como Henri Bergson, Marcel Proust e Sigmund Freud, para compreender a experiência do leitor com a poesia de Charles Baudelaire. Depois, se observará o presente, por meio de Giorgio Agamben (2009) que realiza um tratado sobre a relação do sujeito com seu tempo e de como precisa ser capaz de não se deixar cegar pelas luzes excessivas da contemporaneidade. Por fim, examinaremos, por Roland Barthes (2004), como se dá a leitura através deste movimento de “ler levantando a cabeça” que, analogicamente, lembra um movimento de ler lembrando, empreendido por Castello, e também por nós. Por conseguinte, olharemos para Michèle Petit (2009) que mostra como a leitura modifica o leitor e o leva para lugares nem sempre confortáveis, e que essa transformação se dá no momento em que passado e presente se cruzam e provocam uma ruptura na vida do leitor. Logo, apresentamos aqui o resultado de uma análise que nasce da leitura do poema *Melancolia (Variação)*, de Nuno Júdice, pelo crítico literário José Castello, que culmina na memória de sua estreita relação com o poeta João Cabral de Melo Neto e que, tais memórias acabam por instaurar um vazio na vida do crítico, levando-o a pensar sobre a contemporaneidade, e suas consequências, para a leitura e a literatura.

## 2. LER LEMBRANDO

Para pensar a leitura como melancolia alçamos o olhar para a crítica de José Castello, *Uma defesa da melancolia* (2013), para entendermos, a partir do gesto leitor do crítico, como é ler de maneira melancólica. Para isso, partimos para dois movimentos que aparecem, fortemente, no texto de Castello: a memória e o vazio que é instaurado no presente. Ou seja, um presente em que não se tem mais tempo para nada, e por isso, tenta-se preencher, a todo custo, com coisas supérfluas e efêmeras, conforme Castello mostra através da amiga, a corpoanalista Gerry Marezki. Neste sentido, tem-se a impressão de que a leitura parece ser construída nesta dialética do presente e do passado, da memória e do vazio do presente. A partir disto, é essencial que se desenvolva a questão da memória, ao mostrarmos que, geralmente, quando lemos, lembramos. Ou seja, Castello está lendo Nuno Júdice, lembra de João Cabral e isso introduz um vazio em seu presente, ao lembrar de Marezki.

No texto *Quando as imagens tomam posição* (2017), Georges Didi-Huberman procura saber o que se entende por dialética ao citar que “é uma maneira de pensar ligada às primeiras manifestações do pensamento racional, na Grécia antiga”. (DIDI-HUBERMAN, 2017: 84). Segundo ele, o termo que se origina do “verbo grego *dialegesthai* significa controverter, introduzir uma diferença (*dia*) no discurso (*lógos*)”. (Ibidem: 84, grifos do autor). A seguir, o escritor discorre sobre a historicidade do termo ao contar que Bertolt Brecht “em seu *Journal de travail*, evoca seus próprios textos literários como ‘teoria em forma dialogada’” (Ibidem: 84, grifos do autor). Para Didi-Huberman (2017: 84), Brecht pensa a dialética como “‘a única chance de se orientar’ no pensamento, confrontando diferentes pontos de vista sobre uma mesma questão”. E para nós, a questão da dialética temporal é fundamental, pois nos ajuda a compreender a relação da memória com o presente, na leitura, uma vez que, conforme Didi-Huberman (2017: 85) é “um tempo movido de dentro por uma força irresistível [...] ou seja, um tempo que não dissocia nunca o início do seu fim [...]. Um perpétuo devir.”

Portanto, pensamos que este infundável devir da dialética, entre dois tempos, nos dá substância para o pressuposto de que ler lembrando é ler conectando o presente com o passado no desejo, inconsciente, de restabelecer o vazio instaurado no presente, pela memória. E tal movimento, que causa uma falta, um desconforto ao se refletir sobre a vida, é realizado desde a infância, ou seja, o leitor já faz isso, apenas não se dá conta, por ser uma cinesia involuntária. E tal ideia nos leva a pensar que é desse modo que lemos e que é também desta maneira que José Castello lê, num movimento dialético, entre memória e presente. A seguir, desenvolveremos a compreensão da leitura com essa dialética da memória e do presente, e na parte final, tentaremos ver se é possível aproximar, através deste diálogo, a noção de vazio, que, ao lermos, se instaura no presente.

## 2.1. A MEMÓRIA

Para melhor compreendermos o funcionamento deste movimento é essencial que se retome a crítica de Castello, no exato momento em que a memória da convivência com João Cabral lhe é trazida através da leitura do poema *Melancolia (variação)* de Júdice. Segundo Castello (2013: 1) “nos versos luminosos de Júdice está muito do que Cabral me dizia”. Nestes versos, o sujeito, através da memória do lugar, tenta conservar a lembrança dos momentos felizes que ali viveu. Porém, ao retornar ao bar numa tentativa de revistar o passado, depara-se com o vazio do presente, simbolizado pela mudança das mesas, pelo canto em que já não há mais nada “para além de um armário de garrafas e copos”, e pela iluminação que também se alterara, ou seja, segundo Castello, o peso da realidade esmagando a memória. Então, é possível perceber que a mesa é, para o sujeito lírico, o objeto que lhe transporta à memória dos encontros, do mesmo modo que a leitura do poema é, para Castello, o instrumento que o leva a lembrar da convivência com João Cabral.

Deste modo, para melhor entendermos a ação da memória, trabalharemos a partir do texto de Walter Benjamin, intitulado *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (1989), em que o crítico realiza um movimento anacrônico entre o passado e o presente, para entender a obra de Charles Baudelaire. No texto, a questão da memória, para Benjamin, está ligada à experiência, e por isso, vai olhar, para o modo como vários autores a concebem para entender por que o poeta não foi compreendido em sua época, apesar de ter escrito para um leitor semelhante a ele, e como isso influenciou o caráter melancólico de sua escrita. Para tal, o crítico parte do texto (poema), segue para outros autores, olha para o presente e passado, para a sociedade, e produz teoria. E pensamos que o movimento de Benjamin se aproxima do de Castello, no instante em que lê Baudelaire lembrando de Bergson, Freud e Proust – pós-história – e depois, Poe, Engels e Marx – numa quase pré-história.

Em seu estudo, Benjamin menciona vários autores, dentre eles Henri Bergson (1859-1941), que no livro *Matière et Mémoire*, “demonstra que a estrutura da memória é considerada como decisiva para a estrutura filosófica da experiência.” (BENJAMIN, 1989: 1). Ou seja, segundo o crítico, para o filósofo a experiência “forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória, do que com dados acumulados, e com frequência inconsciente, que afluem à memória.” Portanto, para Bergson, através de sua teoria da memória pura, a experiência parece nortear-se pela biologia, estando “sujeita à tutela do intelecto” (BENJAMIN, 1989: 2). Isto é, para Benjamin (1989: 2, grifo do autor), Bergson “define o caráter da experiência na *durée* (duração) de tal maneira que o leitor se sente obrigado a concluir que apenas o escritor seria o sujeito adequado de tal experiência”. Portanto, conforme menciona o crítico, na concepção bergsoniana:

A presentificação da *durée* (duração) é que libera a alma humana da obsessão do tempo. Proust simpatiza com esta crença e, a partir dela, criou os exercícios, através dos quais, durante toda a sua vida, procurou trazer à luz o passado impregnado com todas as reminiscências que haviam penetrado em seus poros durante sua permanência no inconsciente. (BENJAMIN, 1989: 15)

E sobre esta afinidade entre o pensamento dos escritores franceses, segundo Benjamin (1989: 2), Marcel Proust, na obra *Em busca do tempo perdido* (1913), introduz à teoria bergsoniana um elemento novo, “que encerra uma crítica imanente a Bergson”, no momento em que “este não deixa de sublinhar o antagonismo existente entre a *vita activa* e a específica *vita contemplativa*, a qual se abre na memória. No entanto, sugere que o recurso à presentificação intuitiva do fluxo da vida seja uma questão de livre escolha.” (BENJAMIN, 1989: 2). Isto é, conforme Benjamin (1989: 2) “já de início Proust identifica terminologicamente a sua opinião divergente.” Isso quer dizer que “a memória pura – a *mémoire pure* – da teoria bergsoniana se transforma, em Proust, na *mémoire involontaire*. Ato contínuo, confronta esta memória involuntária com a voluntária, sujeita à tutela do intelecto.” (Ibidem: 2). A partir desta divergência entre Bergson e Proust, e sobre o entendimento acerca da memória, Benjamin prossegue ao relatar que fora nas primeiras páginas de sua maior obra que o escritor francês incumbem-se de esclarecer esta relação:

Nas reflexões que introduzem o termo, Proust fala da forma precária como se apresentou em sua lembrança, durante muitos anos, a cidade de Combray, onde, afinal, havia transcorrido uma parte de sua infância. Até aquela tarde, em que o sabor da *madeleine* (espécie de bolo pequeno) o houvesse transportado de volta aos velhos tempos – sabor a que se reportará, então, **frequentemente** [...]. (BENJAMIN, 1989: 2, grifo nosso).

Ou seja, a *madeleine* de Proust é, na crítica de Castello, o poema lido por ele, uma vez que ambos nascem de uma memória irreflexa. De acordo com Benjamin, após a lembrança decorrida do sabor do pequeno bolo, “Proust estaria limitado àquilo que lhe proporcionava uma memória sujeita aos apelos da atenção. Esta seria a *mémoire volontaire*, a memória voluntária; e as informações sobre o passado, por ela transmitidas, não guardam nenhum traço dele.” (Ibidem: 2). Logo, não é que Proust refuta totalmente a teoria de Bergson, mas, a partir dela, a ressignifica ao dizer que “é isto que acontece com nosso passado. Em vão buscamos evocá-lo deliberadamente; todos os esforços de nossa inteligência são inúteis”. (BENJAMIN, 1989: 2). Por isso Benjamin (1989: 2, grifo nosso)

reforça a ideia ao explicar que Proust “não hesita em afirmar, concludentemente, que o passado material encontrar-se-ia ‘em um objeto material qualquer, fora do âmbito da inteligência e de seu campo de ação. Em qual **objeto**, isso não sabemos. E é questão de sorte, se nos deparamos com ele antes de morrermos ou se jamais o encontramos”.

Eis a chave que nos abre para a questão da memória na crítica de Castello: o objeto. Pensamos, com isso, que independeu da vontade do crítico querer lembrar do convívio com João Cabral, ao ler o poema de Nuno Júdice. Esse é o ponto. Está alheio a nossa vontade lembrar de coisas, fatos e pessoas, enquanto lemos. De acordo com Benjamin, na tese de Proust:

**Fica por conta do acaso**, se cada indivíduo adquire ou não uma imagem de si mesmo, e se pode ou não se apossar de sua própria experiência. Não é de modo algum evidente este depender do acaso. As inquietações de nossa vida interior não têm, por natureza, este caráter irremediavelmente privado. Elas só o adquirem depois que se reduziram as chances dos fatos exteriores se integrarem à nossa **experiência**. (BENJAMIN, 1989: 2, grifos nossos)

Sobre o tema da experiência é importante compreendermos que, segundo o crítico “Baudelaire teve em mira leitores que se veem em dificuldades ante a leitura da poesia lírica”. (BENJAMIN, 1989: 1) e, por esta razão, dirigiu a estes leitores o poema inaugural de seu livro *Flores do Mal* (1857), intitulado *Ao Leitor*, que “termina com a apóstrofe: - ‘Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão!’” (Ibidem: 1). Assim, para entender por que o poeta não foi compreendido em sua época, apesar de ter escrito para um leitor semelhante a ele, o autor inicia ao explicar que a modernidade e o capitalismo fixaram suas raízes tão profundamente que poetas deixaram de ser semideuses, e tal situação, se deve a três fatos. Inicialmente “porque o lírico deixou de ser considerado como poeta em si. [...] Segundo, depois de Baudelaire, nunca mais houve um êxito em massa da poesia lírica.” (BENJAMIN, 1989: 1). E por fim, “uma terceira circunstância decorrente das duas primeiras: o público se tornara mais esquivo mesmo em relação à poesia lírica que lhe fora transmitida do passado.” (Ibidem: 1). Desse modo, para Benjamin (1989: 1), “o leitor, para quem havia se preparado, ser-lhe-ia oferecido pelo período seguinte.” Portanto, “se as condições de receptividade de obras líricas se tornaram menos favoráveis, é natural supor que a poesia lírica, só excepcionalmente, mantém contato com a experiência do leitor.” (Ibidem: 1). Por isso, é possível pensar que fazer experiência é fazer conexão, e que, talvez, os leitores de Baudelaire não tenham conseguido se conectar a sua poesia, justamente pela dificuldade de experienciar o lírico mediante ao capitalismo.

Conforme cita Benjamin, para Sigmund Freud, a função do consciente é agir como proteção contra estímulos. Portanto, “quanto mais frequente se tornarem

o registro destes choques no consciente, tanto menos se deverá esperar deles um efeito traumático.” (BENJAMIN, 1989: 4). Ou seja, é através da reprodução do sonho que mostra a catástrofe que os atingiu que se “procuram recuperar o domínio sobre o estímulo, desenvolvendo a angústia cuja omissão se tornou a causa da neurose traumática”. (Ibidem: 4). Segundo Benjamin, “a recepção do choque é atenuada por meio de um treinamento no controle dos estímulos, para o qual tanto o sonho quanto a lembrança podem ser empregados, em caso de necessidade.” (Ibidem: 4).

Surge então uma interrogação para o crítico: “de que modo a poesia lírica poderia estar fundamentada em uma experiência, para a qual o choque se tornou a norma?” (BENJAMIN, 1989: 4). E ele mesmo responde: “este seria o desempenho máximo da reflexão, que faria do incidente uma vivência.” (Ibidem: 4). Por isso, para Benjamin, “Baudelaire inseriu a experiência do choque no âmago de seu trabalho artístico.” (BENJAMIN, 1989: 5). De tal maneira, é razoável pensar que a questão da experiência na poesia de Baudelaire, para Benjamin, se origina no exato momento em que se cruzam uma Paris modificada, em decorrência da modernidade e a memória desta experiência trazida por outros autores. E um fato importante, que faz o crítico pensar novamente em Proust, é de este ter empreendido, nos oito volumes de sua obra, a missão de narrador da própria infância com extraordinária coerência, em que “mensurou toda a dificuldade da tarefa ao apresentar, como questão do acaso, o fato de poder ou não realizá-la. No contexto destas reflexões forja o termo *mémoire involontaire*.” (BENJAMIN, 1989: 3). Portanto, para o crítico alemão:

Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, **na memória**, certos conteúdos do **passado individual com outros do passado coletivo**. Os cultos, com seus cerimoniais, suas festas (que, possivelmente, em parte alguma da obra de Proust foram mencionados), produziam reiteradamente **a fusão desses dois elementos da memória**. Provocavam a rememoração em determinados momentos e davam-lhe pretexto de se reproduzir durante toda a vida. As recordações voluntárias e involuntárias perdem, assim, sua exclusividade recíproca. (BENJAMIN, 1989: 3, grifo nosso)

E no fragmento acima, especialmente através dos pontos destacados, parece que Benjamin e Castello estão de acordo, pois, ao se ler, as memórias não vêm apenas de livros lidos, mas desse tecido tramado entre a memória pessoal e a social. Origina-se também de outras experiências e vivências, e um exemplo disso é que, ao ler o poema, Castello não lembra de outro poema ou livro, mas do buraco no peito do poeta pernambucano.

Toda essa rememoração acerca da crítica de Castello, e do funcionamento da memória, faz-se necessária para que pensemos na leitura como uma ação



que conecta passado e presente, sem que este seja preenchido, isto é, nos leva a pressupor que ler lembrando é ler melancolicamente. Logo, se a memória involuntária é da ordem do inconsciente, e se dependemos do acaso para que a reavivamos, é razoável pensar que, ao lermos, evocamos lugares deste irrefletido que muitas vezes gostaríamos de nunca lembrar, mas que, ao virem à tona, tais memórias descortinam o presente, instalando-lhe um vazio, em um movimento dialético, que, por não ter fim, causa no leitor, inúmeras sensações, inclusive desconfortantes e solitárias.

E para melhor compreender tais questões Benjamin se reporta a Freud “na busca de uma definição mais concreta do que parece ser um subproduto da teoria bergsoniana no conceito proustiano de *memória da inteligência*”. (BENJAMIN, 1989: 3, grifo do autor). Conforme o crítico no ensaio *Além do princípio do prazer* de 1921, o psicanalista “estabelece uma correlação entre a memória (na acepção de *mémoire involontaire*) e o consciente.” (Ibidem: 3, grifo do autor). Esta correlação vem em forma de hipótese, e o crítico adianta que é provável que tenham sido os discípulos de Freud que puderam se deparar com a comprovação de tal tese. Assim, a continuidade do estudo fica por conta de Theodor Reik, cujas reflexões em

que desenvolve sua teoria da memória em parte movem-se justamente na linha da diferenciação proustiana entre as lembranças voluntária e involuntária. “A função da memória – escreve Reik – consiste em proteger as impressões; a lembrança tende a desagregá-las. A memória é essencialmente conservadora; a lembrança é destrutiva. (BENJAMIN, 1989: 3)

Mas, o que tanto Proust quanto Freud e Reik parecem concordar é sobre a existência destes dois tipos de memória, a consciente, da ordem da lembrança, e a inconsciente, regulada pela memória espontânea, a que Freud vai chamar, entre outras expressões, de memória mnemônica. Sobre isso Benjamin explica que a proposição de Freud é de que “o consciente ‘se caracterizaria, portanto, por uma particularidade: o processo estimulador não deixa nele qualquer modificação duradoura de seus elementos, como acontece em todos os outros sistemas psíquicos, porém como que se esfumaça no fenômeno da conscientização”’. (BENJAMIN *apud* FREUD, 1989: 3). Ou seja, “resíduos mnemônicos são, por sua vez, ‘frequentemente mais intensos e duradouros, se o processo que os imprime jamais chega ao consciente”’. (Ibidem: 3). Porém, para Freud (1996: 12) o próprio inconsciente “não se esforça por outra coisa que não seja irromper através da pressão que sobre ele pesa, e abrir seu caminho à consciência ou a uma descarga por meio de alguma ação real.” E o psicanalista explica que isso ocorre porque, muitas vezes, a memória do passado faz com que o sujeito reviva “experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca,

mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos.” (FREUD, 1996: 13). Assim, Freud reforça esta falta de empenho do inconsciente ao mencionar que em decorrência das “situações indesejadas e emoções penosas” a que o sujeito é acometido durante a vida, “nenhuma dessas coisas pode ter produzido prazer no passado, e poder-se-ia supor que causariam menos desprazer hoje se emergissem como lembranças ou sonhos, em vez de assumirem a forma de experiências novas.” (Ibidem: 13). E Benjamin traduz as palavras de Freud em termos proustianos em que “só pode se tornar componente da *mémoire involontaire* aquilo que não foi expressa e conscientemente ‘vivenciado’, aquilo que não sucedeu ao sujeito como ‘vivência’”. (BENJAMIN, 1989: 3, grifo do autor). Isto é, para lembrar é preciso ter-se esquecido de que se viveu.

O psicanalista explica que “os processos mentais inconscientes são, em si mesmos, ‘intemporais’. Isso significa, em primeiro lugar, que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada”. (FREUD, 1996: 18). Isso nos faz lembrar do texto de Benjamin, sobre Baudelaire, e a crítica de Castello, sobre a melancolia de Cabral, que fazem um percurso anacrônico justamente porque escrevem (leem) lembrando. Para Freud (1996: 46), “a maior parte de nossas ações cotidianas são resultados de motivos ocultos que fogem à nossa observação” e, portanto, “a vida consciente da mente é de pequena importância, em comparação com sua vida inconsciente.” (Ibidem: 46).

A leitura do poema de Júdice, na crítica de Castello, parece ser o objeto que cria uma colisão entre passado e presente. Isto é, o acesso a este lugar desconhecido, que não possui nenhuma prova, apenas, talvez, uma evidência adormecida, alheia a qualquer esforço espontâneo, que emerge de um momento distraído, mas profundo, que parece preencher e, ao mesmo tempo, fundar um novo vazio. No texto *A leitura distraída* (2004), o escritor Bernardo Carvalho parece dizer que quando nos distraímos de nós mesmos, a memória pode vir. E é razoável pensar que a leitura pode fazer isso, uma vez que o que colabora com a fragilidade da experiência são os dispositivos que produzem desconexão e atenção, cada vez mais intensa, que precisamos ter. Sobre isso, em certo momento do texto, Carvalho (2010: 352) relata que “na leitura de Saer, narrativa e natureza se confundem” e explica que dentro do livro, existem diferentes tipos de metáforas de leitura, dentre os quais escolhemos uma para olharmos, conforme segue:

O primeiro trecho se inicia, como tantos outros parágrafos do livro, com a frase: “Não há, no princípio, nada”. O salva-vidas está sentado diante do rio liso, quase sem movimento. No isolamento e inatividade da paisagem tudo se transforma em luz e reflexo, tudo é visível e físico, até a luz: “a luz solar, como uma enorme combustão amarela, atravessada por filamentos brancos, flui, rebate, reverbera”. Tudo é físico, o salva-vidas, sua percepção

e até a sua leitura. Sentado na areia e cercado pelo mais completo silêncio e abandono, ele lê o gibi: “Quando endireita a cabeça, seu olhar, em vez de pregar em algum objeto preciso, mais parece diluir-se, esvair-se no espaço vazio da praia”. Passando da leitura ao mundo, dos quadrinhos à natureza, ele vai estabelecer uma relação idêntica com ambos. Não é, porém, o mundo que se mostra como algo a ser lido, mas a leitura que passa a ser, também, elemento físico do mundo. Ela não se diferencia. Não é a natureza que se subjetiviza, mas a leitura que se torna também, no meio da paisagem, objeto da natureza. (CARVALHO, 2010: 352).

O que nos interessa aqui é de como essa memória é suscitada pela leitura, a que Carvalho chama de “leitura distraída”, ou seja, “esse olhar que oscila entre o gibi e a paisagem, que é ao mesmo tempo sensação, contemplação, compreensão objetiva e sensível do mundo, perda dos limites entre sujeito e objeto e, finalmente, inserção, identificação do homem à natureza.” Isto é, um movimento de leitura em que sujeito e objeto se fundem (e confundem) de maneira consciente e inconsciente. Conforme cita o autor (2010: 354) “trata-se de uma leitura distraída (entre o texto e o mundo), que identifica narração e mundo físico, distraindo os limites entre subjetividade e objetividade.” Portanto, ao lermos o texto de Carvalho, e sua concepção de leitura, pensamos que tal modo de ler em muito se assemelha a nossa ideia de que lemos lembrando uma vez que, ao nos distrairmos, talvez abra-se um espaço para a desautomatização da vida e do pensamento, e com isso, crie-se um canal entre o passado e o presente, através da leitura.

Para Walter Benjamin, o desmoroamento da experiência em Baudelaire, na obra *Flores do Mal*, dá-se pelo imemorial que lhe escapou. Portanto, para ele (1989: 17), o poeta francês “afirma algo extremo com extrema discricão”, como no verso “perdeu a doce primavera o seu odor!” (Ibidem: 17). Ou seja, de acordo com Benjamin (Ibidem: 17, grifo do autor), “o odor é o refúgio inacessível da *mémoire involontaire*”. Assim, para o crítico “isto faz desse verso de Baudelaire um verso insondavelmente inconsolável. Não há nenhum consolo para quem não pode mais fazer qualquer experiência.” (BENJAMIN, 1989: 17). E voltamos aqui ao mundo obturado a que Castello se refere na crítica. Um mundo no qual já não é possível ativar a memória ao se ler, em decorrência do falso preenchimento contemporâneo que não suporta o vazio. Esse mesmo mundo que, em outro tempo, inviabilizou a experiência do leitor com a poesia de Baudelaire. Ou seja, ao dispensar o acaso, a modernidade, com suas aparelhagens, acaba por inviabilizar a memória.

E estas são reflexões importantes para que possamos pensar no leitor contemporâneo e sua relação com a, suposta, desconexão que a tecnologia proporciona e que, talvez, o distancie da leitura literária. Desse modo, retornaremos ao texto de José Castello para mostrar o movimento que precede a lembrança do poema, o presente, e que, por sua vez, instaura um vazio na vida do crítico.

## 2.2. O VAZIO DO PRESENTE

Como já vimos, na crítica de José Castello há um possível movimento de leitura: o melancólico. Isto é, ao lermos desse modo, lemos lembrando, ou, lemos unindo presente e passado através de memórias, voluntárias e involuntárias, que instauram no presente, um vazio. E que este vazio provoca um desconforto ao se pensar na vida. No texto de Castello, este presente aparece logo após a leitura do poema *Melancolia (variação)* de Nuno Júdice. Ao ler o poema, Castello lembra-se do buraco no peito de Cabral por onde lhe escorriam seus versos, ou seja, de sua melancolia e, ao se lembrar disso, lhe ocorre uma analogia a este vazio a qual chama de “buraco construtivo”, que é a base de qualquer edificação. E é neste ponto em que o crítico volta à realidade ao supor que “talvez por isso (arrisco-me a pensar) haja tão pouco lugar para a poesia no mundo de hoje” (CASTELLO, 2013: 2). E prossegue ao explicar que:

Vivemos na era das próteses, dos tampões, dos substitutos, das vedações. Um pequeno buraquinho surge em um dente, algo que você nem tinha notado, algo que nem chega a doer, e o dentista logo lhe sugere uma obturação. Um pequeno defeito no corpo, uma falta, e você não sossega enquanto não faz uma plástica. (Ibidem: 2).

E a esta realidade Castello (2013: 2) chama de “mundo obturado”, que “glorifica o ‘cheio’, que ama a saturação, e que não suporta o vazio” e lembra da amiga, a corpoanalista Gerry Marezki que reforça a ideia ao afirmar que “o mundo não suporta o espaço-entre” (Ibidem: 2), quer dizer, que os sujeitos da atualidade não respiram entre um afazer e outro, pois ao agirem em ‘ritmo espartano e metódico’ “não provam do ‘entre’ que Gerry tanto nos fala. Não suportam o intervalo, a espera, o silêncio. O vazio.” (CASTELLO, 2013: 2).

O filósofo Giorgio Agamben (1942) inicia o texto *O que é o contemporâneo?* (2009) a partir da relação com um poema (assim como Castello e Benjamin também constroem suas reflexões) de Osip Mandel’štam, de 1923, intitulada *O século*, e que, em determinado momento irrompe para uma fratura do presente:

Meu século, minha fera, quem poderá  
olhar-te dentro dos olhos  
e soldar com o seu sangue  
as vértebras de dois séculos?  
(AGAMBEM, 2009: 2)

Segundo Agamben (Ibidem: 2), o verso contém “não uma reflexão sobre o século, mas sobre a relação entre o poeta e o seu tempo, isto é, sobre a contemporaneidade”. A seguir o autor menciona uma expressão de Roland Barthes que se resume dessa maneira: “O contemporâneo é intempestivo” (AGAMBEN, 2009: 1). Anos antes, segundo Agamben, Friedrich Nietzsche, mais precisamente em 1874, havia publicado um texto chamado *As considerações intempestivas*, “com as quais quer acertar as contas com seu tempo, tomar posição em relação ao presente” (AGAMBEN, 2009: 1). Nele, de acordo com o filósofo, “Nietzsche situa a sua exigência de ‘atualidade’, a sua ‘contemporaneidade’ em relação ao presente, numa **desconexão** e numa **dissociação**”. (Ibidem: 1, grifos nossos). E não por acaso grifamos as palavras acima, pois elas nos fazem retornar à crítica de José Castello que, ao se referir ao presente, traz vários exemplos desta desconexão, em que tudo precisa ser rápido e pronto “como nos restaurantes self-service. Bastaria que nos servissemos da vida – como alguém pede uma pizza por telefone.” (CASTELLO, 2013: 2).

Deste modo, para Agamben, a contemporaneidade “é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2009: 1). Ou seja, para ele “aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.” (Ibidem: 1). Isto é, talvez esse distanciamento ao qual Agamben se refere seja o espaço-entre citado por Maretzki e o intervalo mencionado por Castello. Essa capacidade de olhar para o presente sem levar em conta apenas o que nele está, mas o tempo individual e o tempo da memória coletiva.

Não seria Cabral, então, um poeta e Castello um escritor, ambos contemporâneos? Autores cujos peitos fraturados vivem entre dois tempos e que, por não se enxergarem como parte desse tempo, são exatamente frutos dele? Agamben parece explicar tal ideia ao dizer que o contemporâneo “é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (Ibidem: 2). E Castello, sobre isso, faz uma comparação: “é como no teatro, ou no cinema: é preciso a sala escura (bile negra) para que, em um foco de luz, a ação enfim se desenrole. Para que algo, enfim, aconteça.” Logo, parece que a obscuridade é um fator essencial ao sujeito contemporâneo para que este faça experiência com seu próprio tempo. Pois, para Agamben (2009: 3), “contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.” É, segundo Castello (2013: 2), provar da melancolia, que é amarga, mas fértil”, pois, sem ela, não haveria espaço para que a poesia pudesse escorrer. Sobre o escuro, Giorgio Agamben (2009: 3) dá uma pista do que “acontece quando nos encontramos num ambiente privado de luz, ou quando fechamos os olhos”:

O que é o escuro que então vemos? Os neurofisiologistas nos dizem que a ausência de luz desinibe uma série de células periféricas da retina, ditas precisamente *off-cells*, que entram em atividade e produzem aquela espécie particular de visão que chamamos o escuro. O escuro não é, portanto, um conceito privativo, **a simples ausência da luz**, algo como uma não-visão, mas o resultado da atividade das *off-cells*, um produto da nossa retina. Isso significa, se voltamos agora à nossa tese sobre o escuro da contemporaneidade, que perceber **esse escuro não é uma forma de inércia ou de passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade particular que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes.** (AGAMBEN, 2009: 3, grifos nossos).

Então, de acordo com os grifos do excerto acima, é possível que tenhamos chegado à expressão que o poeta Nuno Júdice oferece a José Castello: Luz inexplicável. Uma “luz em que explicação alguma, fórmula alguma, enchimento algum lhe é suficiente” (CASTELLO, 2013: 2). Ou seja, de acordo com Agamben, “pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade”. (AGAMBEN, 2009: 3). Dito isso, talvez seja possível supor que o sujeito do presente, ao se dizer contemporâneo não o é, justamente por não encarar o buraco por onde a melancolia flui. E essa falta de percepção, essa desconexão dos homens, cheios de si, com seus dois tempos, segundo Castello se refere, faz com que não suportem poemas. Faz com que se contentem “com sua ilusão de preenchimento e nela se enforcam”. (CASTELLO, 2013: 2).

Assim, pode-se dizer que Castello, ao falar do presente lembrando-se do passado, é um contemporâneo, e que o escuro, o vazio e o espaço-entre não são sinônimos de passividade. E isso nos faz lembrar do que João Cabral sugeriu, em certa tarde, a José Castello (2013: 3): “Fique um pouco em silêncio. Feche os olhos. Pare”. Um movimento aparentemente simples, mas que de acordo com Castello “não é fácil”, sobretudo, para ele “com as luzes feéricas que cegam nosso século 21”. (CASTELLO, 2013: 2).

Portanto, ao lermos lembrando, o tempo presente parece compor-se de outros tempos, dentre eles o passado, que em forma de memória instaura um vazio, ou seja, causa uma fratura no hoje, sucessivamente, sem que possamos, de fato, apreendê-lo. De acordo com Agamben (Ibidem: 5), “a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico e, somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo”. Mas, para ele, “a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste.” (AGAMBEN, 2009: 5). E nos dá algo que parece um caminho razoável para essa relação entre presente e memória que “entre o arcaico e o moderno há um compromisso secreto, e não tanto porque as formas mais

arcaicas parecem exercitar sobre o presente um fascínio particular quanto **porque a chave do moderno está escondida no imemorial e no pré-histórico.** (Ibidem: 5, grifo nosso). Dito de outro modo, um reencontro esfumado entre o passado e o presente, entre a leitura que se faz e a memória involuntária que retorna, em forma de experiência e não de vivência. E que, segundo Agamben (200: 5), “ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um presente em que jamais estivemos”.

Ou seja, a leitura, assim como o contemporâneo, parece o lugar de encontro de todos os tempos. É, conforme Agamben menciona, “como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora”. E Castello confirma tal enunciado ao dizer que a “explosão de imagens, de flashes, de brilhos: nenhuma relação com a poesia, que precisa da escuridão – como Teseu em seu labirinto – para só então enfrentar seu monstro”. (CASTELLO, 2013: 2).

### 2.3. ENTRE DOIS TEMPOS

Ao considerarmos os dois movimentos anteriormente vistos, da memória e do presente, e sua dialética, desejamos agora refletir sobre a leitura melancólica. Para tanto, partiremos da premissa de que é assim que Castello lê, e é assim que também lemos: lembrando. Desse modo, voltaremos à crítica de José Castello no exato ponto em que se cruzam a memória e o presente, na leitura do poema de Nuno Júdice, para observarmos o modo como Castello lê, supondo que realizamos um movimento de leitura semelhante a ele: “Essa história de Cabral **me volta à mente enquanto leio *Melancolia* (variação)**, poema do português Nuno Júdice”. (CASTELLO, 2013: 1, grifo nosso). Como já vimos, e de acordo com a expressão grifada, é no instante da leitura do poema que Castello lembra do convívio com o poeta João Cabral. Ocorre que, a partir desse ponto, uma nova circunstância aparece nesta relação entre presente e memória, o vazio instaurado no presente. Então, após a lembrança de sua convivência com Cabral, Castello volta para a melancolia do poeta pernambucano, e lembra da analogia que ele faz, ao dizer que tal afeto é como um ‘buraco no peito’. Melhor dizendo, “é algo que escorre desse buraco, algo que ele produz” (CASTELLO, 2013: 2). Após tal constatação, Castello é levado a uma reflexão de que “talvez por isso (**arrisco-me a pensar**) haja tão pouco lugar para a poesia no mundo”. (Ibidem: 2 grifo nosso). Ou seja, a lembrança do convívio com Melo Neto é a memória involuntária do crítico, porém, a sentença grifada, entre parênteses, que parece demarcar um pensamento, é a lembrança consciente, que a partir dali, instaura no presente de Castello, um vazio. E o movimento, ora descrito é, para nós, o cerne deste trabalho.

No primeiro parágrafo do texto *Escrever a leitura*, Roland Barthes (2004) levanta uma questão que nos faz pensar sobre quem é este leitor que lê melancolicamente. A pergunta é: “nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça?*” (BARTHES, 2004: 26, grifo do autor). É este ato de ler que para, pensa e interrompe o presente que desejamos compreender intuídos de que, tal ação, tem a ver com a leitura que evoca o sentimento melancólico trazido pela lembrança de outras leituras, imagens, autores e vivências. Uma leitura, segundo Barthes (Ibidem: 26), que em princípio parece inconveniente, mas, ao mesmo tempo, apaixonada, uma vez que sempre volta ao texto e dele se alimenta. Desse modo, o autor, ao interrogar o seu modo de leitura tenta “captar a *forma* de todas as leituras [...], ou ainda: suscitar uma teoria de leitura.” (Ibidem: 26, grifo do autor). Então, se para Barthes, a leitura tem este caráter de distração que deriva de um movimento incessante, de ler levantando a cabeça, pensamos que esta é uma ação que remete a um jeito de se ler lembrando, ou seja, toda vez que o leitor se depara com algo no texto que o faz parar e pensar, é possível que sejam as memórias que lhe surjam, através da leitura, e que tais lembranças instituíam, neste instante, uma fenda, um sentimento de melancolia.

A exemplo de Barthes queremos também entender ou captar esse modo melancólico de ler e, para isso, é necessário que se compreenda quem é este leitor e por que ele lê de tal maneira. De acordo com Barthes (2004: 29), “ao ler, nós também imprimimos certa postura ao texto, e é por isso que ele é vivo”. A antropóloga Michèle Petit (2009) reforça a proposição de Barthes ao dizer que “o leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo”. (PETIT, 2009: 27, grifos nossos). Portanto, supomos que este gesto de leitura se deve, entre outros aspectos, à experiência pessoal de cada leitor, que determina sua capacidade de imaginar e rememorar. E vamos mais longe. De acordo com a expressão acima frisada, nem sempre esta experiência é agradável (ou segura), pois, ao se deparar com memórias as quais não esperava, o leitor sai de sua zona de conforto e, ao contrário de uma possível expectativa criada para tal leitura, depara-se com seu vazio. Logo, pensamos que toda vez que o leitor lê, o faz com um intuito, mas que, muitas vezes, de forma inconsciente, acaba por conectar-se com memórias as quais preferia não lembrar. De acordo com Petit:

Existe algo na leitura, como diz Anzieu, que é da ordem do trabalho psíquico, no sentido em que os psicanalistas falam de **trabalho do sonho, trabalho do luto, trabalho de criação**. E uma dimensão que me parece essencial e que muitos leitores experimentam, mesmo aqueles



provenientes de meios mais modestos; ainda que, naturalmente, não empreguem essas palavras para falar dela. (PETIT, 2009: 27, grifo nosso)

Ou seja, a leitura, embora exija do leitor uma pausa, não é passiva. Implica, conforme cita Petit, no trabalho conjunto de várias áreas, sejam elas desejadas ou espontâneas. Então, na impossibilidade de explicar a noção de pertinência da leitura, Barthes (2004) prefere supor seu caráter de impertinência que, para ele, “é congênita à leitura”. A este atrevimento o autor chama de “desejo” ao dizer que “toda leitura é penetrada de Desejo (ou de Repulsa)” (BARTHES, 2004: 33). Ou seja, segundo ele “o que pode nos reter por um instante é a marca do desejo – ou de não-desejo – que há no interior de uma leitura, supondo-se que o querer-ler já tenha sido assumido.” (Ibidem: 34). A partir de tais questões queremos entender: qual é o desejo de leitura do sujeito melancólico? Para Barthes (Ibidem: 36) “há um erotismo da leitura (na leitura, o desejo está presente junto com seu objeto, o que é a definição de erotismo)”. E sobre a relação do erotismo com a leitura, Petit cita um trecho proferido por Alberto Manguel:

O medo popular do que um leitor possa fazer entre as páginas de um livro é semelhante ao medo intemporal que os homens têm do que as mulheres possam fazer em lugares secretos de seus corpos, e do que as bruxas e os alquimistas possam fazer em segredo, atrás de suas portas trancadas”. (PETIT, op. cit. MANGUEL, 2009: 146)

E este mistério parece estar presente no leitor melancólico no momento em que abre um espaço em seu cotidiano, alheio a qualquer alvoroço externo, como se tivesse que manter a leitura em segredo, para, sozinho, tentar encontrar-se com seu objeto desejado (ou idealizado) ao encarar seu próprio vazio. E na crítica de Castello esta questão aparece claramente nas palavras de João Cabral ao sugerir ao crítico: “Fique um pouco em silêncio. Feche os olhos. Pare”. (CASTELLO, 2013: 2). E Castello completa, “não é fácil”. (Ibidem: 2).

Portanto, aquilo ao qual Barthes chama de leitura desejante “confirma que ‘o sujeito-leitor’ é um sujeito inteiramente deportado sob registro do Imaginário; toda sua economia de prazer consiste em cuidar da sua **relação dual com o livro** [...], fechando-se a sós com ele, colado a ele.” (2004: 37, grifo nosso). Para o escritor, existe ainda um segundo traço que constitui esse modo de ler, o que para nós, vai ao encontro da noção de leitura melancólica ao explicar que “na leitura, todas as emoções do corpo estão presentes, misturadas, enroladas: a fascinação, a vagância, a dor, a volúpia; a leitura produz um corpo transtornado, mas não *despedaçado*.” (BARTHES, 2004: 38, grifo do autor). E este incômodo é que chamamos de vazio. Ou seja, conforme Petit:

A leitura é uma experiência singular. E que, como toda experiência, implica riscos, para o leitor e para aqueles que o rodeiam. **O leitor vai ao deserto**, fica diante de si mesmo; as palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo, desalojá-lo de suas certezas, de seus 'pertencimentos'. (PETIT, 2009: 166, grifo nosso).

No fragmento acima podemos supor que um dos motivos pelo qual a leitura é preterida em relação a outras atividades, sobretudo as que proporcionam ao sujeito a tal ilusão de preenchimento, a que Castello se refere, é o medo de ficar diante de si mesmo. Afinal, segundo ele, quem prova da melancolia, que é amarga, mas fecunda, talvez chegue à experiência literária.

Dessa forma, podemos perceber, tanto em Petit quanto em Castello, a preocupação em relação ao medo da experiência (do leitor) com o vazio instaurado através das memórias trazidas pela leitura, visto que, segundo Benjamin (1994: 37), “um acontecimento vivido é finito [...] ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. E para Petit (2009: 145), essa chave, que muitas vezes imobiliza o leitor, pode proporcionar, muitas vezes, vivências angustiantes, e menciona que esse “território íntimo que é a leitura, dessa liberdade e solidão que, aliás, sempre assustaram os seres humanos. (PETIT, 2009: 14, grifo nosso)

Mas à luz de Petit, cogitamos que a mesma chave que paralisa o leitor é a que o coloca em movimento, ou seja, um dispositivo duplo que, ao imobilizá-lo, através da leitura, também o desloca a um tempo esquecido, intencionalmente ou não, trazendo-o de volta ao presente, só que modificado pela fratura que esta dinâmica produz. E Castello (2013: 2) parece se inquietar diante da constatação de que “não é que não suportemos a poesia, ou que não a ‘entendamos’. Não é que ela seja uma tolice de românticos. É coisa bem diferente: não aguentamos encarar o buraco de onde ela flui.” Para Petit (2009: 165) “ler é com frequência um gesto que surge na sombra, [...] um espaço de intimidade, um jardim protegido dos olhares. Lê-se nas beiradas, nas margens da vida, nos limites do mundo.” E a exemplo de Castello (2009: 2) que, no final da crítica, conclui que a leitura poética necessita da escuridão, tal qual Teseu, em seu labirinto, enfrentou seu monstro, para Petit (Ibidem: 165) “talvez não se deva iluminar totalmente esse jardim. Deixemos à leitura, como ao amor, uma parte de sombra.”

Enfim, pensamos que, ao ler lembrando, o leitor realiza, de maneira distraída, um movimento dialético entre o presente (a leitura) e o passado (as memórias), voluntárias e involuntárias, que emergem rompendo a posição confortável a qual o sujeito leitor se encontra. Isto é, abrindo-lhe um buraco no peito (e na vida) que o desestabiliza, por ser doloroso, mas fértil, no momento em que proporciona a este sujeito, tão cheio de si, a experiência, nem sempre feliz, da conexão consigo, através de um ponto de ruptura entre dois tempos, e, portanto, supomos, que de tal movimento nasça, um modo melancólico de leitura.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da leitura da crítica literária *Uma defesa da melancolia* (2013) nasce uma inquietação em relação a um tema caro: como lemos? O texto de José Castello fala, entre outras coisas, sobre o sentimento melancólico que acometeu João Cabral de Melo Neto durante toda a vida. A partir disso, retornamos à frase de Castello (2013) de que “a melancolia é amarga, mas fértil”, para chegar ao buraco no peito do poeta João Cabral, lugar que, segundo ele, era a fonte de onde irrompiam seus poemas. E segundo a crítica, tal imagem é oferecida a Castello no instante em que lê o poema do poeta português Nuno Júdice, intitulado *Melancolia*(*variação*), que, não por acaso, segundo o crítico, leva esse nome por se tratar do retorno a um lugar que já não mais existe, pois em seus versos – tudo mudou – e tal mudança provoca no sujeito um sentimento de vazio e solidão. Mas que, ao mesmo tempo, a recordação confere a este uma experiência agradável, de encontro consigo, semelhante ao sentimento de Castello em relação à lembrança do convívio com Cabral. Ou seja: a natureza ambígua da melancolia.

Castello relata em uma de suas entrevistas que “em um mundo em que a efemeridade dita as regras, a literatura se torna um abrigo seguro para o diálogo interior, para a desaceleração quase que vital, em meio às exigências da vida contemporânea.” E aqui chegamos à questão central deste artigo, o modo como José Castello lê, que é semelhante ao modo como lemos. No texto, as memórias provenientes do tempo em que convivera com o poeta João Cabral vem à mente do crítico enquanto lê um poema. Ou seja, é da leitura dos versos realizada naquele instante, que lhe ocorre a memória da melancolia, terreno no qual Cabral cultivava seus poemas, logo, Castello lê lembrando. Queremos com isso dizer que, ao ler, Castello realiza um movimento nascido da conexão do presente com suas memórias, conscientes e inconscientes, isto é, provenientes de suas vivências e experiências, e que tais lembranças instauram uma fenda na vida do escritor, cujo vazio nunca é preenchido, justamente pela natureza infundável da leitura.

Então, olhamos para a discursividade deste gesto leitor a partir da ideia de que, assim como Castello, lemos lembrando, ou seja, lemos de maneira melancólica. Para isso partimos das três imagens potentes, que surgem na crítica de José Castello: a memória, o presente e o vazio, e de como se dá, na leitura, o movimento entre elas. Dessa forma, olhamos para o conceito de dialética por intermédio de Georges Didi-Huberman, para entendermos a dialética entre dois tempos, o passado e presente. Após, voltamos ao *corpus* no exato ponto em que se cruzam memória e atualidade, para percebermos em que ponto se instaura o vazio. Analisamos ainda, cada sentido a começar pela memória através de Walter Benjamin, que lembra de autores como Henri Bergson, Marcel Proust e Sigmund Freud, para compreender a experiência do leitor com a poesia de Charles Baudelaire. Depois, observamos o presente, por meio de Giorgio Agamben no qual realiza um tratado sobre a relação do sujeito com seu tempo e de como precisa ser capaz de não se deixar cegar pelas luzes excessivas da contemporaneidade.

Seguidamente, examinamos, por Roland Barthes, como se dá a leitura através deste movimento de “ler levantando a cabeça” que, analogicamente, lembra um movimento de ler lembrando, empreendido por Castello, e também por nós. Por último, olhamos para Michèle Petit que mostra como a leitura modifica o leitor e o leva para lugares nem sempre aprazíveis, e que esta transformação se dá no momento em que passado e presente se cruzam e provocam uma ruptura na vida do leitor.

Logo, fomos levados a pensar na existência de um movimento melancólico de leitura, uma vez que, ao se ler lembrando, é possível conectar dois tempos, através de memórias conscientes, e inconscientes, e que tais lembranças provocam uma fissura na atualidade. Por isso, pensamos que este vazio é como o buraco no peito de João Cabral; como a mesa no canto do bar do poema de Júdice; e como o buraco construtivo de Castello, uma vez que nunca ficam cheios, nunca se completam. Acreditamos, então, que se trata de um movimento da leitura como melancolia.

Fato primordial que observamos neste movimento de leitura é que o crítico não lembra de uma poesia lendo outra, mas ao ler o poema aciona a lembrança das visitas regulares que realizou durante quase dois anos na casa do poeta pernambucano. Nestas longas entrevistas, João Cabral, conhecido como o poeta da lógica e da racionalidade, reclamava da insensibilidade dos médicos que lhe receitavam antidepressivos para “curar” a tristeza, que segundo eles, provinha da idade avançada. Contudo, para Cabral, não se tratava nem de doença, nem de velhice, mas de melancolia. O mesmo afeto que nasce da tentativa do sujeito lírico, ao visitar o bar em que se encontrava com certa mulher, reviver os momentos felizes que ali experimentou. E este sentimento em relação à mudança da mesa no canto do bar, cujas luzes agora são excessivas, em contrapartida com a suave penumbra de outrora, acabam por instaurar um vazio na vida do crítico, levando-o a pensar sobre a contemporaneidade, e suas consequências, para a leitura e a literatura. Isto é, Castello compara o buraco no peito de Cabral com o orifício no peito de um sujeito contemporâneo, que já não suporta o intervalo, o vazio, a espera. Afinal, conforme desabafa o crítico, “homens cheios de si não suportam poemas”, e por consequência, não fazem experiência literária.

Diante disso, é o gesto leitor deste crítico, que lê um poema, lembra de histórias e vivências e que, tais lembranças, fazem romper algo em seu presente, desestabilizando-o, que tentamos mostrar neste trabalho. E este foi nosso principal desejo: melhor compreender um modo de ler, quase distraído, quase sombrio, que na penumbra do tempo, através de memórias desejadas e esquecidas, permite que a fenda entre presente e passado se rompa, para que, só assim, dele escorram as experiências e conexões, que possibilitem o encontro, tal qual Castello, com nosso leitor melancólico.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BARTHES, Roland. **Da ciência à literatura / escrever a leitura**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica: arte e política. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARVALHO, Bernardo. A leitura distraída. **Critica cultural (Critic)**, v. 5. n. 2, p. 349-354, jul./dez. 2010. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica\\_Cultural/article/view/696](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/696). Acesso: em 24 ago. 2020.
- CASTELLO, José. Uma defesa da melancolia. **Jornal Rascunho**, 01 mar. 2013. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/uma-defesa-da-melancolia/>. Acesso em: 02 fev. 2020.
- CASTELLO, José. O escritor precisa reinventar a literatura. [Entrevista cedida a] Luiz Rebinski Junior. **Cândido – Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**, Paraná, nº 06, p. 12-14, jan. 2012. Disponível em: [www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Jose-Castello](http://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Jose-Castello). Acesso em: 05 mar. 2020.
- FREUD, Sigmund. (1920b) **Além do princípio de prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- DIDI-HUBERMAN, Giorges. **Quando as imagens tomam posição – O Olho da História, I**. Tradução de Cleonice Paes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva**. 2ª Ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

## READING AS MELANCHOLY

**ABSTRACT:** This article tries to understand reading as melancholy, through José Castello's text, *A defense of melancholy* (2013), based on the assumption that Castello reads remembering, and that, perhaps, we read in the same way. We start from the premise that we carry out a reading movement built on the relationship between actuality and memory, and that such reminiscences establish a void in the present. Therefore, it was a question of analyzing the discursiveness of this gesture based on the dialectic between past and present, and how this reading occurs, the encounter of which causes a rupture, a confluence from which, we think, a melancholic way of reading is born.

**KEYWORDS:** José Castello. Melancholy. Memory. Empty. Reading.

## LA LECTURA COMO MELANCOLÍA

**RESUMEN:** Este artículo trata de entender la lectura como melancolía, a través del texto de José Castello, *Una defensa de la melancolía* (2013), partiendo del supuesto de que Castello lee recordando, y que, quizás, leemos de la misma manera. Partimos de la premisa de que realizamos un movimiento de lectura construido sobre la relación entre actualidad y memoria, y que tales reminiscencias establecen un vacío en el presente. Por tanto, se trataba de analizar la discursividad de este gesto a partir de la dialéctica entre pasado y presente, y cómo se produce esta lectura, cuyo encuentro provoca una ruptura, una confluencia de la que, pensamos, nace una lectura melancólica.

**PALABRAS-CLAVE:** José Castello. Melancolía. Memoria. Vacío. Lectura.